



## **Alguns traços da poesia de Lúcia Aizim**

The Lucia Aizim's Poetry: Some Traces

Berta Waldman\*

**Resumo:** O que sobressai na poesia de Lúcia Aizim é seu ritmo singular e pessoal e ainda figurações temáticas em que o judaísmo transparece como matéria híbrida entremeada com elementos tropicais, brasileiros. Essa mescla, traçada em diferentes dimensões, erige uma poética singular, com ressonâncias diferenciadas, que denunciam o estrangeiro trazido para o corpo nacional, a atitude contemplativa voltada à tradição judaica, que se nutre, porém, da vida do dia a dia.

**Palavras-chave:** Poesia. Judaísmo. Lúcia Aizim.

**Abstract:** What stands out in the poetry of Lúcia Aizim is your unique and personal rhythm, and even thematic depictions in which Judaism transpires as larded with hybrid tropical Brazilian elements. This mix, drawn in different dimensions, erects a singular poetic, with differentiated resonances, who denounce abroad brought to the national body, the contemplative attitude focused on Jewish tradition, which nourishes, however, of everyday life.

**Keywords:** Poetry. Judaism. Lucia Aizim.

Lucia Aizim nasceu em Kryzhopol, na Rússia (Ucrânia), em 4 de julho de 1915 e faleceu no Rio de Janeiro em 2006. Seus pais eram Boruch Vatnick e Esther Averbuch Vatnick. Em 1919, seu pai foi assassinado em um pogrom. Esther, então, emigra, com as filhas Lúcia e Luba, para a cidade do Rio de Janeiro, onde já viviam os seus pais. Aizim estudou no Brasil, casou-se e dedicou-se à família. Publicou seu primeiro livro de poesia, *Alma pastora das coisas*, em 1974. Embora tenha se distinguido como poeta, escreveu também contos, o romance *Saga*, em 1997, além de literatura infantil.

O que sobressai na poesia de Aizim é seu ritmo singular e pessoal e ainda figurações temáticas em que o judaísmo transparece como matéria híbrida entremeada com elementos tropicais, brasileiros. Unindo a gênese a formas arquetípicas, vinculadas tanto ao judaísmo como ao Brasil, a mescla, traçada em diferentes dimensões, erige uma poética singular, com ressonâncias diferenciadas, que denunciam o estrangeiro trazido para o corpo nacional, a



atitude contemplativa voltada à tradição judaica, que se nutre, porém, da vida do dia a dia.

Sobre *Errância*, avalia Ivan Junqueira:

Densa, despojada, grave e liricamente sentenciosa é a poesia de Lucia Aizim, cujos itinerários se entrelaçam, em meio a signos, cantigas de amigo e iluminuras, ao longo das trilhas de sua *Errância*, um dos mais belos livros já produzidos nestes últimos anos pela poesia brasileira. Sobrelevam aqui a fluência do estilo, o ritmo fluvial (no sentido de que este lhe convém à solenidade expressiva), a linguagem plena de úmidas e recônditas entranhas cósmicas, dessas luminosas raízes com as quais convive e das quais se nutre a alma feminina, capaz de navegar todos “os rios do exílio”.<sup>1</sup>

Numa tentativa de aproximar arte e existência, a poesia de Lúcia Aizim lida com temas impressionistas. Nela, a figura humana é o lugar sempre ambíguo que organiza a construção do mundo poético numa relação entre interior e exterior. Espaços anímicos como lembranças e sentimentos, somados à paisagem, à natureza, à cidade, ao espaço doméstico, sempre permeados pela visão do sujeito, compõem essa lírica, que adiciona elementos singulares à tradição da poesia brasileira.

É por intermédio desse filtro que a poesia de Aizim se volta aos mistérios do cotidiano, surpreendendo, nos pormenores, sua carga de revelação. Também espalhando-se pelo viés confessional, ela traz sempre à tona o sujeito lírico. Assim, o leitor é introduzido a essa lírica num circuito que vai da “experiência” à sua representação emocional; do “dado” à investigação de seus efeitos no sujeito. Entre o passado e o cotidiano, atados ambos à crise da mulher madura, forma-se a base existencial da angústia num espírito delicado, mas sem repouso.

A exposição da linhagem genealógica forma o campo poético do exílio judaico, onde se inclui o sujeito. Veja-se, por exemplo, o poema a seguir:

**Avó**

Senta, a



avó, nesta cadeira  
de palhinha e me conta.  
Conta a tua história.

Muda.  
Após longa, longa pausa  
descerrou os lábios: lembro  
a neve, a fonte, os lilases.

Eram tão bonitos os lilases!  
Na pequena aldeia onde nasci.

(*Cânticos*, p. 11.)

A paisagem da Ucrânia (“a neve, a fonte, os lilases”), local de origem do núcleo familiar da poeta, permeia o poema escrito em redondilha maior, forma de largo uso na poesia luso-brasileira, com a qual a poeta dialoga de perto. Veja-se um fragmento do poema que segue, em que se pode ler nas entrelinhas o poema “Babel e Sião”, de Camões, bem como alguns toques da prosa de Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*:

### **Súbito Além**

Eis que a uma sorte de encosta  
Chego. Região de meu exílio.  
Aqui no meio de arvoredos.

Reclusa.  
À margem de um canteiro  
de antúrios sentei-me e chorei.  
E as águas de meus olhos  
eram tantas quanto cristalinas  
as águas em olhos de menina.  
[...]

(*Cânticos*, p. 78.)

Figuras espectrais, a avó, o avô, a mãe, formam a teia familiar, lançando para um plano mais abstrato a figura do estrangeiro, como em: “Eras o furacão, a águia,/



o que não tinha pouso” (p. 33), do judeu errante, aquele que se reinventa para sobreviver em diferentes territórios e habitar distintos idiomas.

Há, porém, um outro exílio na poesia de Aizim, o exílio de Deus. O abandono e o desamparo do homem é motivado também pela falta da palavra divina, mantida intangível, insondável:

### **Metalinguagem II**

[...]

Já não se podem pronunciar  
as palavras sagradas.  
Recusam-se. Nem forma nem cor  
tampouco a sonoridade se revela.

Restam apenas fragmentos,  
libélulas, gota suspensa  
sob a asa de um devaneio.  
E fios, tênues, de pensamento  
voam.

(*Cânticos*, p. 98-99.)

O Livro em que se inscreve a palavra de Deus, historicamente matéria exegética e de emulação interpretativa, ponto de união de um povo, é representado no poema como um texto que não se deixa ler. Tecido esgarçado, restam dele fios soltos e intangíveis, que aparecem em sonho. Algo de fundamental se perdeu, o que aponta tanto para uma situação de crise, reflexo do judaísmo no Brasil, como para a impossibilidade de se manter à margem da crise, a salvo de sua contaminação. A poeta recolhe os restos, os fragmentos em suspensão do texto sagrado, que sinalizam para uma totalidade perdida, inexistente:

### **Pastoril**

[...]

Ao longe um jovem surgindo  
e o seu rebanho. Sonho?  
Cabelos anelados, fonte de orvalho  
e gesto largo. Por acaso eu passava



por uma moita: ouço-o conversar  
com o amigo – A minha amada  
é esbelta como a palmeira  
e bela como a estrela.

(*Cânticos*, p.107.)

Retomando o padrão bíblico e poético do *Cântico dos Cânticos* adaptado aqui a uma natureza tropical em que proliferam cajus, jacas e mangas, o pastor perde de vista o espaço fechado (é importante lembrar que no bíblico *Cântico dos Cânticos* os amantes transitam do espaço aberto ao fechado) e é instado a fugir, antes que o vejam para, então, transformar-se em palavra.

Fora de lugar, pastor e amada, no espaço aberto e ilusório da natureza, anunciam uma espécie de anacronismo na forma amorosa, que não tem mais o beneplácito do amparo de Deus. Assim mesmo, essa modalidade é retomada no poema, mantendo os sinais de um jardim e de uma natureza ancestral abortada, mas que subsiste enquanto fragmento, alusão.

São esses fios soltos que atravessam a poesia de Aizim e que a vincam a uma pertinência judaica: “ [...] Há a lenda, o salmo, a luz das velas/ Há sempre algo que me prenda” (p. 121).

Trata-se, porém, de um modo de ser judaico inserido no Brasil, quer dizer, que sofre os efeitos de uma nítida ampliação da esfera da experiência vivenciada neste país, que passa a alimentar os poemas. Aproximando-se da matéria bruta do mundo vivido, mas mantendo o legado diaspórico do deslocamento, a poeta aproxima as partes neste curioso poema-montagem:

### **Gênese**

No princípio eram céu e terra  
E na terra ardia o sol em demasia  
para maio. Havia entanto ligeira  
brisa agitando as folhas das palmeiras.

E a escuridão chamou a noite  
E à noite nós dormimos. E depois  
houve a expansão das águas  
a rodear a ilha. Ilha das Flores.  
E à noite dormimos e de novo acordamos.



E acordados vimos não só aquela ilha  
mas árvores, frutos e folhagens.  
E foi tarde e foi manhã. E após

Fez-se divisão dos luzeiros.  
Além da luz do sol – moviam-se  
miríades de estrelas iluminando  
os bairros, as ruas, as casas  
além da luz menor – a lua.

Mais tarde ficamos sabendo  
que no coração das florestas  
habitavam macacos, onças, antas,  
e infinidade de seres vivos.  
E tudo isso era o Éden para onde  
o destino nos levava. A verdade  
é que outra vez dormimos. E quando  
nos levantamos, vimos  
o amanhã  
e tudo estava por fazer ainda.

O homem era carne e sangue  
devia olvidar o passado.  
E com alfanje e agonia  
erguer esta nova pátria  
corporificá-la.  
Nós sua semente  
seu adubo. (p. 193-194.)

Se em outros poemas Aizim se utiliza de formas poéticas marcadamente luso-brasileiras para tematizar o exílio e o desterro judaicos, nesse poema acontece o contrário: tomando emprestado o tom e uma seleção de léxico do poema hebraico, ela retorna ao Jardim do Éden. Mas, em vez de dele expulsar o homem e a mulher, condenando-os à errância, ela os insere no Rio de Janeiro- Brasil, delegando a eles – estrangeiros –, a missão de construir a nova pátria.

Há que se ressaltar, ainda, a partir da quarta estrofe, quando o poema se torna mais descritivo, uma alusão à “Carta de Pero Vaz de Caminha” e aos relatos dos viajantes dos séculos 16 e 17, fundindo o texto bíblico com um colorido tropical enquanto o Jardim do Éden é habitado por macacos, antas e onças.



Essa ambivalência acarreta a coexistência de anseios conflitantes na poesia de Aizim. De um lado, o legado do judaísmo (diáspora, religião), de outro, fatores incontrolláveis de interferência de uma cultura local que carrega um modo de se posicionar frente à vida, apontando-lhe de fora um sentido. É a busca desse sentido, num plano inefável, um dos motivos que lança a escritora na aventura poética, sendo essa busca a própria constituição do sentido perseguido. Assim, a perseguição torna-se não o meio, mas o fim, propriamente dito, de um projeto que se atualiza no poema.

-----

\* **Berta Waldman** é Professora Titular da Universidade de São Paulo e Colaboradora da Universidade Estadual de Campinas. É autora de, entre outros títulos: *Entre passos e rastros*.

---

## Nota

<sup>1</sup> JUNQUEIRA, 1984.

## Referências

AIZIM, Lúcia. *Alma pastora das coisas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

AIZIM, Lúcia. *Errância*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

AIZIM, Lúcia. *Saga*. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997.

AIZIM, Lúcia. *Cânticos*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.

JUNQUEIRA, Ivan. A presença poética feminina. In: \_\_\_\_\_. *À sombra de Orfeu: ensaios*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica; [Brasília]: INL, 1984.